



Recebido em: 30/11/2021

Aceito em: 11/02/2022

A alma das coisas e a arte dos milagres: O espetáculo cair no samba a partir da teatralidade das manifestações ritualísticas, ancestralidade, Africanidade e o sagrado evidenciando sujeitos no pós-modernidade.

The soul of things and the art of miracles: The show falls into samba from the theatricality of ritualistic manifestations, ancestry, Africanity and the sacred evidencing subjects in postmodernity.

Mestrando Richard Silva Oliveira Pereira dos Santos¹

PUC-SP

<http://lattes.cnpq.br/9506346487242611>

Raul Sales de Araujo²

ISESP

<http://lattes.cnpq.br/4539250555019490>

Resumo: Este artigo tem como objetivo expor algumas relações a respeito da etnologia a partir dos conceitos expostos como também suas aplicações de teatralidade e espetacularidade, relacionando o desfile: Igbá Cubango – A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres, realizado pela Acadêmicos do Cubango em 2019. Conceitos abordados com o propósito de apontar a teatralidade produzida no cotidiano da religiosidade brasileira, que estão imersos no contexto de pós-

¹ Mestrando em Psicologia Social (Puc-Sp/ Bolsista CNPq). Dissertação- Da Morte Para Vida: O Corpo Negro na Universidade a Transgressão da Necropolítica, orientado pela Maria Cristina Gonçalves Vicentin.

² Graduando em Letras, português e literatura, pelo Instituto Superior de Educação (ISESP – Bolsista Prouni). <http://lattes.cnpq.br/4539250555019490>.

modernidade e evidenciar como se demonstra e se espetaculariza considerando o ponto de partida a temática da escola.

Palavras-chave: Samba-enredo, Religiosidades, Religiosidades afro-brasileira, Etnocenologia, Cubango.

Abstract: This article aims to expose some aspects about ethnocenology, by the use of theatricality and the spectacular quality of it aswell as its concepts, relating these ideas with the parade: Igbá Cubango – The soul of things and the art of miracles, accomplished by Acadêmicos do Cubango in 2019. These concepts are approached with the purpose of pointing out the theatricality produced daily in the religious scenario of Brasil, which is imersed in a post-modernism context, and also to evidence how it is shown and performed in its own spectacular form, considering the school ground as a starting point.

Keyword: Samba-plot, Religiousness, African-Brazilian religiousness, Ethnocenology, Cubango

Introdução

O grêmio recreativo escola Acadêmicos do Cubango localizado na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, levou para Marques de Sapucaí em 2019, o desfile intitulado: Igbá Cubango: A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres. Assim, a partir dessa apresentação buscaremos abordar a etnocenologia, em dois momentos, com a teatralidade e a espetacularidade, debatendo seus manifestos como também suas finalidades.

A riqueza do material apresentado pela agremiação traz diversos aspectos, dentre eles, é evidente dois: os amuletos utilizados nas religiões, com um foco maior nas práticas de matriz africana e, o samba enredo que se refere a graça alcançada em todas as religiões a partir dos amuletos religiosos; crucifixos, carrancas, ebós, fitas, patuás, figas, balangandãs, relíquias e da figura de Igbá – menino babalotim, aponta

ndo a teatralidade que surge no cotidiano da religiosidade do brasileiro, promovendo o tema que é o cortejo apresentado pela agremiação de Cubango.

Não iremos aqui debater os significados do mundo religioso, mas evidenciar como ele se demonstra e se espetaculariza tendo como ponto de partida a temática da escola: Igbá Cubango: A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres; entendendo que o espetáculo vem de um vocabulário etnocenológico, ele é produzido da teatralidade dos seres humanos religiosos que estão imersos nesse contexto, nomeado de pós-modernidade. Em um primeiro momento, as ideias de teatralidade e espetacularidade são apresentadas dentro do vocabulário da etnocenologia, como apoio teórico Bião (1999; 2009); logo após, a descrição de espetacularidade da agremiação atravessada pelo samba de enredo, e a aplicabilidade da ideia de espetacularidade, ressaltando de e do mesmo lugar aparece: da teatralidade do brasileiro em suas ações, manifestações e rituais.

Por fim a religiosidade do brasileiro amoedado do emitido de Portella (2013), que nos expõe o brasileiro pós-moderno religioso, e que é o formador de berços de estéticas demonstradas dentro da espetacularidade do cortejo/desfile do Cubango.

O quilombo de Cubango

Em princípio, é importante contextualizar quem é a Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Cubango, pois a escola se construiu nos morros de Niterói, em 1959. A escola está posta em frente ao morro do Serrão e em cima da escola é o morro do Abacaxi. Niterói no século XVIII pós proibição do tráfico de escravos, se tornou uma das regiões mais utilizadas para o tráfico clandestino por conta de suas praias que dão acesso a região oceânica, construindo assim um mercado de negros

escravizados². Tal clandestinidade trouxe como seguimento um afrouxamento na segurança, visto que não podiam chamar a atenção das autoridades da capital do Império, permitindo assim, muitas fugas de escravizados, prosperando alguns quilombos na região.

Pelo fato de a tradição da oralidade ser muito forte nos países de África e em Niterói ter se construído um quilombo na região do Morro do Cubango através das fugas e das maneiras de transgredir o mercado clandestino naquela época, a Unidos do Cubango, possui esse fato como sua característica geográfica, que é ser fruto de um quilombo, o quilombo do Cubango. À vista disso, a escola apresenta propriedade e qualidade já evidenciada em desfiles desde a sua criação até hoje³, como por exemplo, quando em 1984 trouxeram temáticas de religiosidades africana com o samba-enredo "Porque Oxalá usa ekodidé" - momento que ainda não participavam do carnaval carioca, feito que só veio a ocorrer no ano de 1987.

Nesse sentido, a escola de origem quilombola mostrou em 2009⁴ quando foram campeões com o enredo "Afoxé é cortejo, é ritual, é festa. Afoxé é carnaval", reafirmando suas origens com as tradições afro-brasileiras, homenageando à cultura e religiosidade presentes no trecho ocidental do continente africano, assim recuperando a temática dos afoxés e reeditando o samba de enredo de 1979, que reverenciaram manifestações inspiradas em festejos lúdico-religiosos originários de Lagos, antiga capital da Nigéria, manifestação esta popularizada no Brasil a partir de finais do século XIX. Portanto, é nítido que essencial entendermos a construção dos trabalhos produzidos pela escola em abordar enredos de religiosidade afro⁵ e o poder de terem essa propriedade como característica histórica.

Encenação e teatralidade

Segundo Bião (1999), a etnocenologia é uma nova disciplina, tendo como a centralidade do estudo os procedimentos humanos espetaculares ordenados, compondo parte de um paradigma que tenciona esvaziar os preconceitos etnocêntricos e positivistas, composto na sua identidade, como ideia central

² CUBANGO, A REALEZA AFRICANA DE NITERÓI, Rádio Arquibancada, 2014. Disponível em: <<https://radioarquibancada.com.br/2014/05/27/leia-a-sinopse-do-cubango/>>. Acesso em: 27/11/2021.

³ Em 2018 com o enredo "O rei que bordou o mundo", construindo o primeiro desfile com a Cubango os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, que homenagearam o artista plástico brasileiro Bispo do Rosário, com isso conquistaram o 5º lugar no desfile.

⁴ ACADEMICOS DO CUBANGO, Galeria do Samba: Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-cubango/carnavais/>>. Acesso em: 27/11/2021.

⁵ No ano de 2020 a escola de Cubango aliou história, cultura e teatro e, homenageou outro importantíssimo homem negro na luta pela abolição com o enredo "Uma voz pela liberdade", que leva para o Sambódromo a luta de Luiz Gama.

preparado, associada a si a ideia de diferença (Bião, 1999, p. 15-16). Presente estamos neste campo da etnocenologia, então se faz preciso elucidar o percurso por nós, trilhada para o entendimento deste estudo, que fundamenta e possibilita o interesse por ele.

O fato de ser compositor, poeta e ritmista de escola de samba tenha nas escolas de samba a realização de minhas ações e obras, ou seja, a práxis artísticas. Além dos meus estudos e práticas de matrizes africanas sempre pesquisando as conexões entre criação, sagrado e arte. Essa habilidade, portanto, elucida o direito espontaneamente a nossa qualidade primordial, o aprendizado do sagrado e a vivência, o real de ser compositor/ritmista no nosso desejo para compreender a espetacularidade desse nosso estudo: o GRES Acadêmicos do Cubango dentro do desfile de carnaval de 2019 incorporado do espaço (estruturação) da etnocenologia possibilitando as ações da alteração dos sujeitos (nós mesmos) pelo nosso estudo de Igbá Cubango: A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres.

O vocabulário da etnocenologia move-se em todo o texto, entretanto, no espaço epistemológico para focar no nosso estudo, focado na teatralidade e na espetacularidade, e esses conceitos que traz o olhar de Bião (2009) para melhor entendimento do relacionar de aproximação do carnaval da Cubango no ano de 2019. Para Bião (2009), a teatralidade esta emergida do vocabulário grego constituído para designar a movimentação e o âmbito organizado para outro e a favor de todas as interações, incluindo as mais banais, e cotidianas já que a consciência reflexiva de um, movimentando-se e locomovendo-se em prol dos outros pode existir de forma mais obscura ou clara, e não de modo explícito, compacto o tempo inteiro, pois, se tratando de um habito cultural enraizado, uma espécie de segunda natureza individual e coletiva codifica em suas interações ordinárias (Bião, 2009, p. 44-47).

No tópico que tratamos da religião do povo brasileiro nomeado por Portella (2013) de pós-moderno e individual e, assim constitui a religiosidade do ponto de consciência reflexiva que pode ser não evidente, mas que advinda da modernidade e da secularização do mundo, [...] produz a fragmentação e o individualismo do ser, emergindo culturalmente, retratando essas individualidades (Portella, 2013, p. 01-02). Do ponto da teatralidade surgida e produzida pelos brasileiros na pós-modernidade, percebemos a permanência no desfile da agremiação da Acadêmicos do Cubango através dos seus carros alegóricos que apresentaram um conjunto de excelência e imponência, o público ao olhar para as alegorias com certeza lembrou de algum objeto representativo em sua vida, ou alguma história de fé, contribuindo na criação das medidas estéticas do cortejo que vai mais adiante das nomeações brasileiras.

A partir desse entendimento do que é a teatralidade, embarcaremos na ideia de espetacularidade, com esse sentido da exposição não se pode existir espetacularização sem teatralidade, pois, a espetacularidade (espetaculariza) a teatralidade. Nesse contexto, apesar de nossa redundância em dizer que a espetaculariza a espetacularidade deixamos claro que para muitas movimentações humanas, diz Bião (2009) não são todas que se percebe a organização de ações e do âmbito, em função de atrair o olhar do outro deixando claro a diferença entre atores e espectadores com a consciência reflexiva presente geralmente nas ações desses atores (Bião, 2009, p 44-47).

Em vínculo ao estudo, podemos olhar que a teatralidade dos brasileiros é uma concentração de diferentes religiões que configuram a sacralidade individualista, mas que nem sempre ocorre de movimentações reflexivas aparentes. Entretanto, a espetacularidade elaborada, com objetivo de chamar olhares para o desfile, diferencia-se de uma consciência reflexiva, pois, precisa que o contingente de seus quatro mil componentes entenda o que estão realizando, como estão realizando e o seu porquê. Se refletirmos no abarcamento e na propriedade dos desfilantes ou daqueles que trabalham para concretizar a realização de um desfile na Sapucaí, esse processo acaba construindo uma pulsação coletivizada e espetacularizada demonstrada nas apresentações das agremiações e colaborarão para imposição e continuidade da cultura viva, seja daquilo que vai/está sendo apresentado/espetacularizado como da própria movimentação grandiosa do cortejo que é o desfile de uma escola de samba.

O samba de enredo e as alegorias

O samba enredo apresentado e atravessado pela exposição das alegorias tem como objetivo a tentativa de reconhecer esse samba como a música que envolve o desfile todo, de maneira harmoniosa porque dentro do cortejo que é o desfile esses dois aspectos são muito bem próximos e justificados, não temos aqui a intenção de exprimir um juízo de valor entre eles dois, pois, isso implicaria em um olhar mais profundo. O que podemos dizer é que o som gerado pela bateria (sonoplastia) do cortejo nos faz compreender e reconhecer que sem seus tambores e suas respectivas baterias, com a parada no refrão central no “ritmo folgado” comandada pelo Mestre Demétrius, a escola como um todo não se apresentaria como o samba fala: “Ko si

oba kan, ôôôô/Ofi Olorum ôôôô/Igba Cubango, meu amuleto/Proteção e amor”⁶ (RAMOS et al, 2019).

Os desfiles das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro sempre costumam chamar a atenção, o samba evidenciado pela escola demonstra bem o que na avenida é o sentimento que o samba apresentado faz, como um estado de uma pessoa, um ser, colocado no patamar de ser merecedor de exaltação e devoção. Para melhor entendimento, as figuras trazidas pela agremiação e apresentado no sambódromo da Sapucaí, é preciso caracterizar em ordem como esse ritual foi exposto desde o início do cortejo/desfile até sua finalização/encerramento.

A comissão de frente, coreografado por Sérgio Lobato representou uma espécie de fragmentos sonhados – com quinze componentes, todos homens, representando os devotos de São Lázaro, este que estava representando em uma imagem em um andor carregado pelos integrantes, que segundo os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora é uma forma de ritual nomeado por eles/ele de “Pedaços de Sonho”, pois nessa romaria sincrética, “os peregrinos” carregaram “pedaços de sonho”: objetos que parecem desconectados, prenes de devoção, unidos, os pedaços adquiriram o formato humano, além de um coração que destacou no boneco formado.

A cena do São Lázaro tornou-se marcante devido a entrega do coração ao boneco feito de fitas, pois evidencia a própria alma do enredo. A comissão deu-se a partir da junção dos sonhos obtidos dos carnavalescos Gabriel Haddad, Leonardo Bora e Vinícius Natal que assinaram a pesquisa do enredo. A imagem de São Lázaro à frente da Escola indica a saudação ao padroeiro da verde e branco que contou com elementos do catolicismo popular como a própria imagem do santo e vinculou-se aos elementos da religiosidade afro com sincretismo à divindade Omolú.

Além disso, a representação do Cubango inicia seu desfile com que há mais de profundo e essencial para rituais religiosos, o abre-alas trouxe em sua parte da frente uma escultura, a figura de Babalotim, o “ídolo menino”, ou seja, precisamos compreender qual pensamento é essencial para práticas ritualísticas. Não existe ritual sem conceito sagrado, cultuação/adoração é esse no pensamento ritualístico que promove a transcendência das práticas religiosas e de rituais. Segundo Alves (2003) quando chegamos a esfera da magia, o que praticamos é o lúdico, o lado sonhador, a imaginação, que é onde podemos transcender os limites do realismo (Alves, 2003, p 87).

⁶ ACADÊMICOS DO CUBANGO, Galeria do Samba: Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-cubango/2019/>> Acesso em: 29/11/2021.

E esse foi o grande trunfo da Acadêmicos do Cubango e por mais que se tente negar ou dizer que não, a macumba está presente nos rituais de matriz africana, para ultrapassar, a magia se faz necessário, e quem fez essa compreensão foi Karl Marx ao compreender que religiões que não aceita ou não se permite transcender, necessita ser nomeada como política (Marx apud Alves, 2003, p. 142). Podemos dar como exemplo as instituições católicas nos seus rituais realizados aos domingos chamados de missa, num contexto mais histórico, a primeira constatação, a negação e o porquê que o eurocentrismo colocava de fora a magia ou deixa esse aspecto para o continente africano.

Mas hoje observamos que uma parte desse ritual, o padre altera o pão no corpo de cristo e vinho em sague a converter e, ao mesmo tempo, olha que sem nenhuma magia o entendimento mágico que não se tornaria possível. O Jorey dos messiânicos, o passe dos umbandistas, candomblecista, bastimos tudo de uma maneira geral etc., todas essas movimentações dos rituais religiosos fundamentados pela ideia fascinante, mesmo que acabe doendo nos tradicionais etnocêntricos essa confirmação. A alegoria abre-alas da agremiação do Cubango trazendo o Babalotim, remete à valorização do símbolo do afoxé, que seria o mensageiro da Escola de Samba.

Segundo a entrevista concedida do historiador Jaime Sodré ao “Desfile de Afoxés”, obra financiada pelo governo do Estado da Bahia, aborda-se que em primeiro lugar os grupos de afoxés baianos tinham que ter a presença do boneco sagrado que vai à frente representar a divindade de Exu – Elegbara – como um modo de amuleto de proteção. O ídolo-menino de outrora é revivido na Passarela: que todo componente da escola a ele dirija um pedido. Valei-nos, Babalotim! Oxum traz os seus axés: pedras do fundo do rio, pentes de tartaruga. Otás. São Lázaro se transforma: Obaluaê, Omolu, Xapanã, na porta da nossa quadra, no Morro do Abacaxi. Além disso, objetos como a cabaça que são utilizados para guardar os segredos e fundamentos sagrados dos orixás que regem a Cubango também se fazem presentes. Nesse sentido, é demonstrado a sagrado das religiões de matrizes africanas apresentadas que diz o próprio enredo é um “Menino Babaloim no sagrado afoxé/Aos pés do morro fiz o meu terreiro” exatamente por ser “Nesse chão em pipoca pro santo/Oferendas do meu mundo verde e branco” (RAMOS et al, 2019).

Em seguida, nos versos seguintes a escola apresenta em forma de canto quem promoveu esse “Búzios, carrancas e balangandãs/Relíquias iluminam meu caminho/Ao meu “padim”, eu amarro a minha fé” (RAMOS et al, 2019) demonstra em seu primeiro carro alegórico e depois ao abre-alas com Babalotim, na segunda parte, além de elementos presentes no primeiro setor, observa-se um conjunto de

máscaras – as dianteiras, inspiradas em pinturas rituais africanas, que possibilitou a entrada de outros orixás porque o natural daquela região é o dono da casa que traz “Ê saruê baiana, Ê saruê baiana/Gira laguidibá, giram saias e guias/Carrega meu patuá em sabedoria” (RAMOS et al, 2019) mais e mais orixás e essas movimentações é o que promove o país e o que torna o país da tolerância. Essas articulações desse bom anfitrião se emitem novamente no samba que através da voz do intérprete da escola e do próprio cortejo, ganha potências e destaque na marques da Sapucaí “A cruz no peito pra abençoar/Já fiz promessa, o milagre vai chegar/Em romaria eu agradei/Desacreditado, acreditei” (RAMOS et al, 2019).

O segundo carro da escola apresentada e nomeado de “Altar Brasileiro” abre caminhos para todas ou todos (religiões ou orixás) espetacularizada naquele desfile porque além da própria matriz africana, a alegoria apresenta junto de si, anjos rodeados na saia do carro e mistura ostensórios com tabuleiros, frutos tropicais com joias de ouro e prata, flores e folhas com fitas do Bonfim. Nesse momento o espetáculo recomenda a presença de matrizes sagradas (advindas) da teatralidade brasileira. Portanto, sob o nome “De Pedir Proteção”, cada ala expressou um objeto de proteção, como: Muiraquitãs, Carrancas, Ebós, balangandãs, relíquias, entre outros, a Cubango evoca o sentimento de conexão com o divino através dos orixás, santos, objetos e seus amuletos, comprovando no samba que todas essas matrizes são provenientes de linhas de outras tradições que forma laços presentes dentro de nossos rituais.

A GRES Acadêmicos do Cubango indica um reconhecimento das matrizes africanas em seguida no seu desfile no terceiro carro alegórico “Sala de Milagres” com imagens e memórias, pois foi falado dos devotos propriamente ditos, vale ressaltar que parte das fotos que compunha a decoração do carro foram doadas por componentes da Cubango. Assim sendo, sob nome “De Pagar Promessas” cada fantasia das alas nesse setor apresentou um local do Brasil que possui a tradição de peregrinação dos devotos. Juazeiro, Penha, Congonhas, Bom Jesus da Lapa, são exemplos mostrados⁷, fazendo menções a esses rituais que são sustentáveis e se ampliam na matriz (responsável) pelos tambores, ou seja, a bateria das quais o batuque envolve todo o cortejo da escola modificando-o num grande afoxé e transportando em forma de brado no terreiro do samba a Sapucaí sacralizando o cortejo/desfile.

⁷ CUBANGO ALIA BOM GOSTO NA PLÁSTICA COM CANTO FORTE DA COMUNIDADE E FAZ DESFILE PARA BRIGAR PELO TÍTULO, Carnavalesco, 2019. Disponível em: <<https://www.carnavalesco.com.br/cubango-alia-bom-gosto-na-parte-plastica-com-canto-forte-da-comunidade-e-faz-desfile-para-brigar-pelo-titulo/>>. Acesso em: 26/11/2021

As fantasias vieram na mesma linha, em conjunto com o enredo, gerando emoção na Marquês: no primeiro setor, a ala das Baianas representando “Igbá Ori”, no segundo setor “Carrancas”, “Balangandãs”, no terceiro a ala “Festa da Penha” era uma das que tinha mais fácil assimilação. Já o último setor, veio com fantasias de tons críticos como “Vassouras de varrer o diabo” e “Piratas da fé e garrafinhas d’água”. Assim, o propósito é que o evocado e homenageado Igbá e os orixás consumam a trilha sonora e a mobilidade da dança, para efetivação do ritual em oferta na Sapucaí requerendo esse reconhecimento que permeia todo o desfile com tambores, sonoplastia sacralizando com essa matriz atraente em todo o desfile.

Fortalecendo no seu refrão não apenas as potências desses rituais, mas também as tolerâncias que é preciso existir das outras religiões para com essa dentro de toda a religiosidade brasileira existente e ritualizada através do encontro de povos desde a formação do Brasil. Na alegoria abre-alas a figura de Babalotim é mantenedor das correntes de matrizes africanas popularmente no Brasil sustenta os rituais africanos. Os carnavalescos quando pensam na última alegoria, em “Acendo a Vela, preço proteção” com representações de velas, ofertas, a cultura do Cristo Redentor, a bandeira de Abdias do Nascimento e obras de Glauco Rodrigues para expandir e fechar o desfile do Cubango conhecem a ampliação dessa autóctone que percorre pelas matrizes africanas e outras matrizes brasileiras como o cristianismo, que também se porta como uma matriz para outras religiões como o protestantismo e as igrejas neopentecostais com as crenças evangélicas.

Nesse sentido, último setor foi “Da promessa que é Dívida: Salve-se Quem Puder”, trouxe objetos que não necessariamente cumprem as promessas, são os falsos objetos que viram dívidas, comercializados a preços exorbitantes para explorar a fé alheia. Pois, nada nas escolas de samba é por obra do sem querer ou acaso e é crendo nisso que nada obstante de religiões africanas com a natureza de diversos e diferentes deuses, se fazerem presentes nas religiões brasileiras, o cortejo possui bastante desses vestígios, isso de explicita no enredo: “: A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres” (RAMOS et al, 2019)

Concluindo, o samba surge uma vontade provada subjetivamente em todas as religiões que é a materialização da proteção e da paz “Onde o padroeiro me protege em seu altar/Atotô eu baio cabeça pra Omulu” e “A cura da alma, o terço na mão/Um coração bordado ao divino rei” (RAMOS et al, 2019). Para entendermos a teatralidade do sujeito religioso brasileiro que nos denominamos de pós-modernidade e que mais a frente adentraremos nesse elemento, mas ainda precisamos fazer citação a algumas alegorias.

A devoção dos brasileiros na pós-modernidade

Apresentamos na primeira parte a espetacularidade da agremiação GRES Acadêmicos do Cubango dentro dessa apresentação trazemos alguns pontos, que comunicamos que estão na espetacularidade e é estabelecida na ligação dos brasileiros com suas manifestações sagradas. A partir desse ponto entendemos como ocorre essas práxis nomeada por nós de pós-modernidade com base em Portella (2013). Vivemos hoje com uma secularização referida e fundada pela modernidade que se descreve na localização do sujeito como dimensão e como término, estamos convivendo uma era do egoísmo e isso é relevante nota a religiosidade que é percebida no indivíduo costumeiramente é individualista.

Segundo Portella (2013) os sujeitos permanecem vivenciando medidas ritualísticas, só que nesse momento nem singulares a razão da modernidade que é dividida vinda da expertise. Para Portella (2013), a liberdade racional e espiritual promovida pela modernidade no ser, promove que ele forme seu mundo para poder viver a sua medida religiosa sendo individualizada. São essas qualidades que se encontram dentro da movimentação ritualística desse ser, a ação não é mais coletiva com preceitos e normas que possuem o todo. A movimentação não é o grupo do coletivo provinda de uma institucionalização como um todo.

Atualmente o ser religioso tece suas ações a partir das suas ausências particulares, como fala Portella (2013), com a liberdade emocional e coerente, o sujeito reza o teço, acompanha a missa, pede para Exu a abertura dos caminhos e a Xangô que o livre de todas as injustiças se banhando nas ervas, se distancia do rio nos dias vedados por motivo do boto, ascende incensos vendidos por seguidores do Krishna para equilibrar o âmbito não faz sexo quando a mulher se encontra menstruada limpidez e sujeira judaica e palpita o saber das guerras santas no Oriente comunicado por mídias sociais e tudo ao mesmo tempo, sob abrigo monoteísta com pretensões acalmas dizendo que existe um único Deus, muitos dizem “somos pagãos” – quem sabe, mas a espetacularidade que comanda alguns grupos.

E se desejarmos ir mais distante vamos nos deparar que na Grécia as estrelas que compõem e concedem o futuro ao homem das quais o poder nem Zeus se intromete e quais mais nos aprofundamos nesse assunto mais pistas vamos encontrar em nossas práticas contemporâneas. Esse sujeito pós-moderno para Portella (2013) é forçado pela modernidade fortificadora do egoísta a fazer suas próprias “mestiçagens religiosas” palavra do qual nos opomos de frente de ofertas várias. Compreendemos a partir de Bião (2009) que a teatralidade é proveniente de todas as interações humanas (Bião, 2009, p 44-47).

Aqui pensamos nessa relação do humano como a deuses assim sendo provedora dessa teatralidade, ou seja, podemos entender o porquê a escola de samba Cubango quando espetaculariza essa religiosidade vai de norte a sul e Oriente e Ocidente é porque como um ritual de matrizes africana uma religiosidade a agremiação/escola de samba Acadêmicos do Cubango não seria capaz de refletir em privilegiar um ritual e demonstra uma espetacularidade reduzida sob a ótica e penas de ações facciosismo e etnocêntrica. Os carnavalescos: Gabriel Haddad e Leonardo Bora ao dizer relata que “O que pretendemos contar são causos da religiosidade popular brasileira a partir da relação de cada sujeito com os seus objetos de culto. Somos devotos dos tambores ancestrais: rum, rumpi e lé” sobre o enredo de Igbá Cubango: A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres trata-se de um tema sensível, que busca acima de tudo evidenciar que em diversas crenças, é necessário nos entender como sujeitos constituintes de culturas de crenças cujas almas dos amuletos permitem realizar a conexão dos indivíduos entre o mundo sagrado (orum) e mundo terreno (aiê), mas também pujantes e acompanhados de religiosidade e, de certo modo, notamos que a sensibilidade no método dessa temática provocou na escola um emitido que (aponta) nos brasileiros um sujeito individualista que constrói seus rituais como uma mistura desde que a sociedade te apresenta/oferece.

Conclusão

O grêmio recreativo escola de samba acadêmico do Cubando dentro do enredo proposto: **A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres** reforça toda sua Africanidade pela figura de Igbá e isso mostra todo cuidado e o respeito que agremiação teve/tem com suas tradições e com o tema. Os estudiosos do tema sobre religiões explicitam justamente toda ritualização para apontar apenas um único ritual. Esse objetivo de alguns pesquisadores possibilita a perda de outros elementos ou nem percebendo outras manifestações.

O profano a partir do nosso entendimento é que não existe apenas uma única religião, ritual estático/parado, mas que sofre metamorfose constantemente no movimento e acabamos nos deparando com isso no enredo: A Alma das Coisas e a Arte dos Milagres, pois, o próprio movimento que a escola promove trazido na sua existência apontado antes como sagrado se configura como sagrado⁸, esse reconhecimento é central dentro de alguns estudos desse tema. Podemos falar que se trata de uma ideologia que vai além do que os olhos dos telespectadores captam

⁸ Lembrando que para os componentes da escola o que para muitos é apenas um desfile, para eles é uma religião, ritual, devoção, portanto antes mesmo de qualquer apontamento já é tratada por eles como sagrado e que deve se ter muito respeito com essas pessoas e o seu amor pela agremiação demonstrado nessa devoção.

e muito além do que o cortejo demonstra, pois, o acadêmico do Cubango levou a ancestralidade, sabedoria, religiosidade, saberes, distante de qualquer estigmatização ou como diz o poeta “seu elitismo gera sua ignorância – samba de crioulo”.

A espetacularidade produzida e demonstrada pela agremiação está muito bem fundada na Africanidade, tanto no samba-enredo e nas alegorias e assim comprova a manutenção da vida, da cultura, do ritual: a espetacularidade e teatralidade quem confluem de forma evidente, clara e lucida apresentada no desfile, na letra do samba e no próprio Academia Cubango.

Referências

ALVES, Rubem. Lições de feitiçaria - meditações sobre a poesia. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Etnocenologia - textos selecionados/ Cristine Greiner e Armindo Bião, organizadores. – São Paulo: Annablume, 1999.

PORTELLA, Rodrigo. Comunicação apresentada no I Simpósio Regional Sul da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR), São Leopoldo, RS: Faculdade EST, outubro de 2013.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. Etnocenologia e a cena baiana – textos reunidos/Armindo Bião. – Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.